

Raynice Souza dos Santos

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

GT 01: A docência de Ciências Sociais/Sociologia no mundo digital: as metodologias de ensino em Ciências Sociais na educação básica

título do trabalho

Os desafios e possibilidades do ensino de sociologia em tempos de pandemia: a experiência de uma escola da zona rural do interior do Pará

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a analisar os limites e possibilidades do ensino de sociologia, no formato EAD, em meio a pandemia de covid-19, a partir da experiência da Escola de Educação Básica Agropalma, localizada na zona rural do município de Tailândia-PA. Para tanto, o tema será considerado a luz dos teóricos que refletiram sobre a educação à distância (LIBÂNEO, 20015; MORAN, 2003; PRENSKY, 2001), com foco nos autores que vem abordando o ensino remoto no contexto da pandemia de covid-19 (CORDEIRO, 2020; SARAIVA, TRAVERSINI, LOCKMANN, 2020). Além disso, também será utilizado as reflexões de autores que procuraram contextualizar de maneira ampla essa nova realidade experienciada por meio do ambiente virtual, como discutido por Castells (1999), Bauman (2015).

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa tem como lócus de investigação a Escola de Educação Básica Agropalma, pertencente à empresa de mesmo nome. A escola foi criada em 1986, quatro anos depois da empresa, para atender os filhos dos funcionários. A mesma conta com turmas do ensino infantil ao médio, com este último totalizando 52 alunos. A escola nasceu como parte do compromisso de responsabilidade social da empresa, que ao se estabelecer na região levou a criação de pequenas vilas urbanas, carentes de serviços básicos como saúde e educação, que mais tarde foram sendo oferecidos de forma precária pelo Estado.

A instituição escolar passou a adotar o ensino remoto em abril de 2020, após ser anunciado pelo governo do Estado a chegada do Novo coronavírus ao Pará, desde então a gestão e os professores passaram a buscar soluções para dar continuidade às aulas no formato online.

Ao ser necessário adaptar a disciplina de sociologia a esse novo formato de ensino muitos desafios pedagógicos e metodológicos surgiram, tais como: manter a atenção dos alunos nos aspectos mais teóricas e densos da disciplina, por meio de videoaulas curtas, tornar as aulas interessantes e compreensíveis, a fim de garantir o progresso crítico formativo dos mesmos, construir formas de avaliação que garantam o pensamento autônomo e reflexivo, não reduzido a mera reprodução de conceitos e categorias, tudo isso mediado pelas novas tecnologias digitais. Ao investigar como os alunos do ensino médio avaliam o uso desses recursos no ensino da disciplina será possível apontar contribuições que melhorem a metodologia da mesma e sua possível adequação ao ambiente digital, enquanto perdurar a pandemia do Novo coronavírus.

Entre os objetivos propostos se encontram: Analisar os desafios e possibilidades do ensino de sociologia a partir da utilização das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação); identificar quais ferramentas digitais os alunos consideram mais importantes para o seu aprendizado à distância; identificar as principais dificuldades dos alunos em relação as videoaulas apresentadas e as condições estruturais para o ensino aprendizagem; coletar sugestões dos alunos que ajudem no aperfeiçoamento da metodologia utilizada para o ensino da disciplina.

A metodologia norteadora deste trabalho se caracteriza por uma pesquisa de cunho qualitativo, Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa procura se aprofundar no mundo de significados das ações e relações humanas. Nesse caso, se trata de uma investigação de natureza exploratória, que fez uso de questionários semiestruturados, com o objetivo de conhecer a opinião dos alunos sobre a sua experiência com o uso de tecnologias digitais para o aprendizado da disciplina de sociologia. Também foram realizadas revisões bibliográficas relacionadas ao uso de tecnologias na educação, com destaque para o ensino remoto em tempos de pandemia.

Os resultados preliminares da pesquisa apontaram a importância da utilização de tecnologias próximas ao cotidiano dos alunos, como é o caso do Whatsapp e Youtube. Assim como as apresentações de seminários feitos por meio do Google Meet, tornaram, segundo eles, as aulas mais dinâmicas, conseguindo estabelecer uma aproximação maior entre professor e aluno, assim como as atividades realizadas por meio do Google Forms se mostraram, segundo eles, mais práticas e interativas.

As dificuldades, por outro lado, ficaram a cargo dos problemas estruturais, como quedas de energia constantes, dificuldade de sinal de internet, já que se trata da zona rural, ausência de um espaço adequado para estudar em casa, ter de dividir celulares com os outros irmãos que também estudam, problemas para se concentrar nas aulas no formato online, incompreensão por parte da família em relação ao horário de estudo, dificuldades para manipulação das ferramentas digitais, etc. Todas essas questões limitam o pleno desenvolvimento do aluno não só na disciplina de sociologia como em todas as outras disciplinas, não obstante, sabemos que a tecnologia veio para ficar, ainda mais em tempos de pandemia, por isso se faz necessário, segundo Moran (2003), conectar o ensino com a vida do aluno, chegar a ele por diferentes caminhos, tanto pela interação on-line quanto off-line (quando for possível novamente).

PERCURSO METODOLÓGICO

A ideia para a pesquisa surgiu no final do ano de 2020, após quase um ano inteiro de aulas online, que haviam se iniciado em abril, o resultado do desempenho dos alunos não havia se mostrado muito promissor, em virtude do grande número de reprovações naquele ano, o que me levou a pensar a necessidade de reformular a metodologia de ensino da disciplina de sociologia, pensando nisso, surgiu a ideia de coletar informações juntos aos próprios alunos que indicassem qual o melhor caminho a tomar. Nesse caso, se faz necessário criar estratégias novas, não limitadas apenas à reflexão da prática de ensino, como explica Libâneo (2005).

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

Por isso, ao iniciar o primeiro bimestre de 2021, as tradicionais aulas e avaliações com o exclusivo do WhatsApp e Youtube, assim como atividades realizadas unicamente pelo livro didático, foram complementadas com aulas e aplicação de atividades com a mediação de plataformas como Google Meet, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Google Forms e apps como, Tik Tok, afim de analisar as contribuições destas tecnologias para a aprendizagem e envolvimento dos alunos com a disciplina.

Depois disso, ao final do primeiro bimestre, foi aplicado um questionário semiestruturado de avaliação da disciplina, solicitando aos alunos que apontassem não só suas maiores dificuldades durante o ensino remoto, mas que também oferecessem sugestões de como melhorar a metodologia de ensino da disciplina com o uso dos recursos digitais. As perguntas possuíam caráter objetivo e subjetivo, com alternativas de única escolha, múltiplas escolhas, e perguntas para descrição de respostas curtas e longas. A pesquisa foi realizada por meio da utilização do aplicativo Google Forms. O link foi disponibilizado em cada grupo de turma do WhatsApp, durante o horário de aula dos alunos.

Participaram da pesquisa os alunos das três turmas do ensino médio, que conta atualmente com 52, mas apenas 38 responderam o formulário, que ficou aberto para receber respostas por uma semana. Segue abaixo o link do mesmo: <https://docs.google.com/forms/d/11SoIOTTMB7GH11LNHkGQX92tu0qf9qs9Bc9LuAtHXNM/edit>

Os resultados foram positivos, pois os alunos se mostraram animados em sugerir contribuições.

Os depoimentos descritos neste estudo receberam a devida autorização de divulgação dos alunos envolvidos, como disposto na Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012, 2016), que trata das premissas éticas que cabem em pesquisas com seres humanos, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

PENSAR O ENSINO NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA REFLEXÃO EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de covid-19 impactou de forma decisiva diversos setores da vida em sociedade, e a educação se tornou uma das áreas mais fortemente prejudicadas, tanto as escolas públicas como as escolas privadas tiveram de se reinventar nesse novo cenário e essa reinvenção necessariamente teve de passar pela adoção das TDICs (nos casos em que houve estrutura para isso).

Desde o ano de 2020 o MEC, a partir da portaria nº 343 de 17 de março, dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus, isso foi ratificado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 28 de abril de 2020, que lançou um parecer favorável a reorganização do calendário escolar, em razão da pandemia. Parecer este que foi homologado pelo Ministério da Educação, em 29 de maio de 2020.

Essa nova realidade obrigou as escolas a lançarem mão do ensino remoto, o que evidenciou a importância das TDICs não só no âmbito da educação, como nos mais diversos setores da vida social, que tiveram de lidar com as implicações do isolamento social, reforçando ainda mais os efeitos do que Castells (1999) denominou de sociedade em rede. A sociedade em rede é uma representação da sociedade contemporânea, com seus aspectos voltados à flexibilidade e adaptabilidade que são essenciais à inovação e à criatividade, em um mundo cada vez mais globalizado. Nesse contexto, as pessoas tem cada vez mais a sua comunicação mediada pela rede mundial de computadores.

Desde alguns anos os impactos dessas novas tecnologias têm afetado de forma contundente a educação, as novas gerações de estudantes, denominadas nativos digitais (2001), estão crescendo em meio a um cotidiano marcado pelo uso de aparelhos eletrônicos, tais como computador, celular, vídeo games, etc. Estes passaram a absorver as informações e conhecimentos de forma distinta das gerações anteriores.

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. [...]. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalho “sério” (PRENSKY, 2001, p. 3).

A possibilidade de realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo é o que vem atraindo esses estudantes, mas os efeitos desse novo modo de aprender ainda gera controvérsia, há quem diga que o uso dessas tecnologias ajude a desenvolver melhor o aprendizado dos alunos, assim como autores que criticam o impacto das mesmas, como é o caso do sociólogo Zigmunt Bauman (2015), que em meio a tantas informações e estímulos dos meios digitais diz ser necessário “trabalhar a capacidade de se manter focado.”

— A educação é vítima da modernidade líquida, que é um conceito meu. O pensamento está sendo influenciado pela tecnologia. Há uma crise de atenção, por exemplo. Concentrar-se e se dedicar por um longo tempo é uma questão muito importante. Somos cada vez menos capazes de fazer isso da forma correta — disse o pensador. — Isso se aplica aos jovens, em grande parte. Os professores reclamam porque eles não conseguem lidar com isso. Até mesmo um artigo que você peça para a próxima aula eles não conseguem ler. Buscam citações, passagens, pedaços.

Manter a atenção do aluno é um grande problema quando o assunto é ensino à distância, uma vez que ao mesmo tempo que se torna mais prático para o aluno assistir uma videoaula, por estar no conforto de sua casa, também se mostra muito complicado em virtude das dificuldades de atenção causadas pelo ambiente virtual e doméstico e as inúmeras distrações que eles tendem a gerar. É o que nos relata um aluno da 1º série do ensino médio, ao ser questionado sobre suas maiores dificuldades ao assistir videoaulas: “Distração, faz com que eu perca o foco e não entenda ou até mesmo acabe esquecendo o que foi dito na aula (CHRIS WELLES, 1º SÉRIE).

A experiência da Escola Agropalma

Mesmo com todas essas consequências do ensino à distância, a pandemia de covid-19 mostrou que essa seria a única solução viável a fim de não prejudicar a formação dos estudantes. No caso da escola Agropalma, a decisão para adaptar as aulas ao formato remoto teve de considerar uma série de questões estruturais, principalmente por se tratar de uma escola da zona rural, com poucos estudantes com acesso estável à internet. Não foi uma decisão fácil, uma vez que muitos alunos acabaram abandonando a escola por não possuírem condições de acompanhar esse novo ritmo de estudo. Demonstrando a profunda desigualdade tecnológica que ainda marca a nossa sociedade, como aponta a Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios Contínua (2018), ao demonstrar que ainda há 14,9 milhões de domicílios sem acesso à internet no Brasil.

Após quase um mês de discussões ficou acordado que as aulas seriam retomadas por meio de videoaulas publicadas no Youtube e disponibilizados os links em grupos de cada turma no WhatsApp. Por termos muitos alunos reféns de pacotes de dados do celular e com poucos casos com acesso à rede Wi-fi não seria possível a realização de chamadas de vídeos, por meio de aplicativos como Zoom, Google Meet, Skye, etc. As videoaulas teriam duração de no máximo 20 minutos, uma vez que seria difícil manter a atenção dos alunos por mais tempo que isso. Foi adotado um regime de 5 horas de aula por dia, com direito a 1 hora de aula para cada disciplina (aquelas com maior carga horária ficariam com mais horas), durante essa 1 hora os alunos teriam 20 minutos para assistir as videoaulas e 40 minutos para tirarem dúvidas sobre o conteúdo. A frequência seria realizada por meio da entrega das atividades. Cada professor teria autonomia para aplicar da melhor maneira possível seu método de avaliação, tendo sensibilidade com as dificuldades estruturais dos alunos. As provas bimestrais, no entanto, seriam padronizadas, com 10 questões cada e ficariam disponíveis de 07hs da manhã às 20hs da noite, por meio da plataforma do Google Forms.

Adaptar a disciplina de sociologia ao formato online não foi tarefa fácil, assim como para outras disciplinas, isso demandou estudo e dedicação anteriores, a fim de aprender a lidar com recursos digitais como aplicativos de gravação de tela do computador, edição de vídeos, criação de um canal no Youtube, etc. Uma experiência totalmente nova para quem estava acostumado ao uso limitado desses recursos. A ausência de cursos de formação que auxiliassem os professores a realizar essas atividades, tornou o trabalho ainda mais desgastante. Não sendo exagero dizer que no home office trabalhamos mais que no presencial. Com apontam Lockmann, Saraiva e Traversini (2020):

O material empírico mostra repetidas vezes uma demanda por disponibilidade irrestrita dos professores nesses tempos de pandemia. O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos (LOCKMANN, SARAIVA, TRAVERSINI, 2020, p. 13).

A partir de todo esse trabalho foi feito o possível para tornar a disciplina de sociologia atraente aos estudantes. Para isso, procurei mesclar diferentes metodologias com a utilização de recursos digitais, a fim de apresentar o conteúdo por meio de videoaulas e construir métodos de avaliação que desenvolvessem nos alunos uma reflexão crítica da realidade, sem se limitar apenas a exercícios de fixação. Na produção das videoaulas foi feito uso do livro

didático digital, disponibilizado na plataforma do sistema de ensino SAE, a qual a escola Agropalma é vinculada, a partir dele também foi possível fazer uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que conta com recursos como atividades, simulados, portal do professor, etc. Por meio do livro didático foram passadas atividades, no entanto, além delas também foi solicitado aos alunos apresentações de trabalho e debates via Google Meet, além de apresentações por meio do aplicativo Tik Tok, produções de vídeos e análises de material audiovisual como atividades para casa.

O uso das TDIC's no ensino de sociologia: desafios e possibilidades

A fim de analisar a opinião dos alunos do ensino médio a respeito da utilização dessas tecnologias e recursos digitais foi aplicado um questionário semiestruturado, com cerca de 10 perguntas. Dos 52 alunos, 38 responderam ao questionário. Em relação a avaliação dos alunos no que diz respeito ao uso de tecnologias digitais no ensino da disciplina, a maioria 17 (45%) avaliou como bom, 12 (31%) como excelente, 6 (16%) como regular e 3 (8%) avaliaram como ruim.

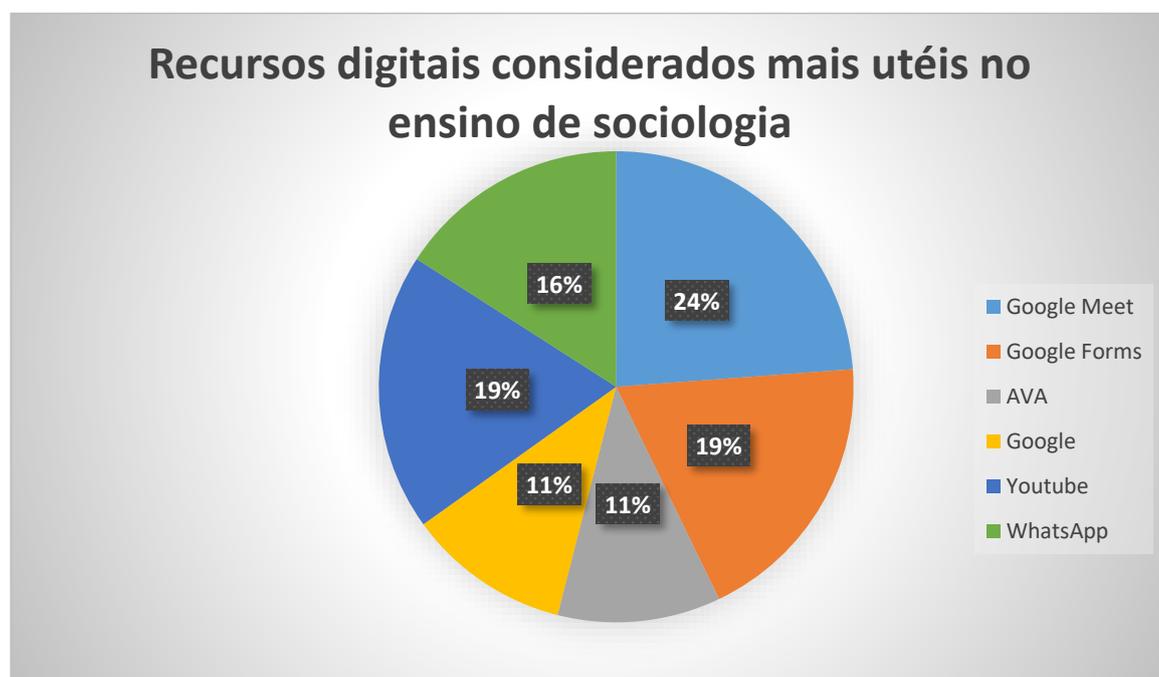
Gráfico 1 - Avaliação dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de sociologia.



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os recursos digitais apontados pelos alunos como mais úteis no ensino da disciplina constam os seguintes:

Gráfico 2 - Recursos digitais considerados pelos alunos como mais úteis ao ensino da disciplina de sociologia.



Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos alunos (24%) apontou o Google Meet como uma ferramenta que conferiu mais dinamismo à disciplina. “Acho muito boas as videoaulas, mas acho também que poderia haver mais encontros protagonizados pelo Meet para cativar mais os alunos (Camila Boiba, 3ª série, entrevistado(a) em 2021). A plataforma Google Forms foi apontada como o segundo recurso mais útil do ponto de vista dos alunos (19%), “eu considero o Google Forms uma ótima plataforma para realização de atividades avaliativas como teste e trabalhos valendo pontos (Paulo Eduardo Alves, 2ª série, entrevistado(a) em 2021). O mesmo foi dito de outras ferramentas “os recursos digitais que eu considero mais úteis são: AVA SAE, Google Forms e o YouTube, pois eles nos ajudam muito na nossa aprendizagem (Geovana Ramos, 1ª série, entrevistado(a) em 2021). Os recursos de busca como Youtube e Google foram bastante citados “O Google e o YouTube, pelo fato de poder fazer pesquisas e etc. (Kayran Sturm, 1ª série, entrevistado(a) em 2021) O Youtube liderou as preferências dos alunos (19%), seguido pelo WhatsApp (16%), Google (11%) e AVA (11%)

Não deixa de ser positivo o fato de a maioria alunos avaliar como bom a utilização dessas ferramentas no ensino da disciplina, no entanto, ainda assim cabe destacar questões importantes apontadas por eles, principalmente em relação às videoaulas, como explica uma aluna da 1º série:

Eu avalio as videoaulas apresentadas muito boas, só há um, porém, tem algumas que são muito longas e por serem muito intensas, às vezes não conseguimos entregar do mesmo dia a atividade que a professora solicita. É apenas por esse motivo que não estou avaliando os vídeos-aulas como excelentes (Emily Raynara Souza, 1ºsérie, entrevistado(a) em 2021).

No que se refere às videoaulas produzidas, ao serem questionados sobre que aspectos possuem mais dificuldades ao assistir o conteúdo *online*, estes marcaram as seguintes opções:

Tabela 1 - Dificuldades apontadas pelos alunos para o seu aprendizado por meio de videoaulas

DIFICULDADES APONTADAS PELOS ALUNOS PARA O SEU APRENDIZADO POR MEIO DE VIDEOAULAS	Nº ALUNOS
Videoaula muito longa	18
Tempo curto para tirar dúvidas	16
Videoaula muito curta	1
Didática	4
Dificuldades de concentração	4
Ser interrompido durante a aula para a realização de serviços domésticos ou outras atividades.	14
Não possui dificuldades	9
Outros:	

Fonte: Elaborado pela autora.

18 alunos destacaram o fato de as videoaulas serem muitos longas como um dos motivos para não conseguirem acompanhar bem as aulas. 16 alunos também apontaram a duração das videoaulas como uma das razões para o pouco tempo que sobra para tirar dúvidas e, conseqüentemente, para realizar as atividades, o que geraria um acúmulo das mesmas.

Os vídeos são muito longos, só temos 1hr de aula, metade dela a gente gasta assistindo o vídeo, e depois sobra poucos minutos pra gente resolver o dever (fora que tem professores que acham que tem 4hrs de aula só dele, só faltam passar o livro

todo aí tem que fazer tudo rápido) então acho que seria mais prático se a gente tivesse aula pelo meet (Michele Santos, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

Outra aluna comenta algo semelhante ao se referir às aulas de maneira geral, “eu avalio de forma positiva, porém alguns professores mandam videoaulas muito longas pedem para fazer muitas páginas de atividades e como é só 1 hora de aula, acaba que fica pouco tempo. Então acho que isso poderia ser resolvido (Geovana Ramos, 1º série, entrevistado(a) em 2021). Segundo Ribeiro (2018), alunos de menor faixa etária aprendem menos nas aulas remotas quando comparadas com as aulas presenciais. Além da idade, outros fatores contribuem para isso como a qualidade na interação realizada pelos aplicativos, o tempo de aula reduzido, a maturidade dos alunos, etc. Todos estes são fatores que pesam no momento de aprendizado dos alunos.

Outro ponto muito citado pelos alunos são as dificuldades de concentração ou o que eles chamam de “distrações”, segundo os mesmos, os celulares utilizados para assistir as videoaulas são outra fonte de distrações¹, com notificações de redes sociais, mensagens e aplicativos que atrapalham o acompanhamento das aulas online, como explica esse aluno: “O celular não é uma boa ferramenta de estudos, ainda mais para pessoas como eu, que se distraem com qualquer coisa (Chris Welles, 2º série, entrevistado(a) em 2021). O ambiente doméstico também não contribui para manter a atenção nas aulas remotas, como explica uma aluna da 2º série: “Tenho muita dificuldade de concentração... ‘hm acho que vou fazer um lanchinho, ou tomar um banho e se eu fizer um brigadeiro?’ É o que penso quando estou assistindo aula” (Ana Clara Nascimento, 2º série, entrevistado(a) em 2021). O ambiente doméstico, muitas vezes, não é estimulante para os estudos, como relatado a seguir: “estudar em casa é chato, barulhos e familiares atrapalham” (Kauã de Jesus, 1º série, entrevistado(a) em 2021).

Essa questão nos leva ao terceiro maior ponto de reclamações dos alunos: as interrupções frequentes de familiares durante o que deveria ser horário exclusivo de estudos dessas crianças, geralmente para solicitar a realização de atividades domésticas ou outros afazeres, desrespeitando esse momento importante de aprendizagem. Uma aluna da 3º série explica bem como é difícil manter a rotina de estudos sem o apoio familiar:

É muito difícil conciliar os estudos com as atividades domésticas, existe uma incompreensão por parte da família em relação ao horário de aula, ou seja, não temos um período voltado só para a aula, sempre somos interrompidos para fazer

¹ Lembrando que como se tratam de alunos de baixa renda, os smartphones se configuram como o aparelho eletrônico mais acessível para “navegar” no ambiente virtual, poucos são os casos de alunos com computadores em casa.

algo, o que era diferente em sala de aula, em que podíamos nos concentrar só em estudar (Clara Mendes, 3º série, entrevistado(a) em 2021).

14 alunos marcaram essas interrupções como um dos grandes problemas para assistir as videoaulas em casa, o que indica a necessidade de envolvimento dos pais no desempenho acadêmico dos filhos, ainda mais durante o período em que perdurar o ensino remoto. Uma vez que, como explica Crepaldi:

A participação dos pais na vida da criança é essencial, e quando se estende até a escola, torna-se o processo de aprendizagem uma extensão daquilo que se iniciou em seu convívio familiar. Com essa participação dos pais no processo de ensino aprendizagem, a criança fica mais confiante, uma vez que percebe que todos se interessam por ela, e também porque passam a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem (CREPALDI, 2004, p.11737).

Essa indiferença dos pais em relação aos estudos dos filhos no período da quarentena é algo que deve ser trabalhado, a fim de não criar no próprio aluno uma sensação de que o que é aprendido no ensino remoto tem menos peso e valor que o ensino presencial e, portanto, não merece sua dedicação.

Também foi assinalada a opção didática por quatro alunos, no entanto, estes não apresentaram maiores detalhes sobre o assunto. Nove alunos informaram ainda não possuir dificuldades no quesito videoaulas.

Além dessas questões referentes às videoaulas existem os problemas estruturais que agravam e dificultam o acompanhamento das aulas no formato *online*, abaixo é apresentado um quadro com os aspectos que mais afetam os estudantes:

Tabela 2 - Principais dificuldades estruturais apontadas pelos alunos para o ensino à distância

DIFICULDADES ESTRUTURAIS PARA O APRENDIZADO À DISTÂNCIA	Nº ALUNOS
Dificuldades de acesso à internet	25
Ausência de um local adequado para estudar	7
Ter de dividir o celular/notebook com outros membros da casa	3
Dificuldades para manipulação dos recursos digitais	5
Falta de energia	7
Não possui dificuldades	2
Outros:	

Uma aluna ao ser questionada sobre os recursos digitais que considera mais importantes no ensino da disciplina de sociologia deixou claro as dificuldades estruturais para a utilização dos mesmos:

Bom, acredito que todos os recursos são úteis, mas devido às dificuldades da nossa região que com frequência tem falta de energia, queda na distribuição da internet, ou seja, o Wi-Fi e o uso de dados móveis são precários, pois só temos uma torre de comunicação e muitas vezes falha e cai o sinal. Portanto, o uso de aplicativos que não solicite muita internet é melhor como o YouTube, Whatsapp e o Google forms, apesar de termos melhor interação nos outros recursos. Adoraria o uso do Meet já que muitas vezes conseguimos a mesma interação de quando estávamos em sala de aula, mas com essas condições não é nenhum pouco viável (Clara Mendes, 3 série, entrevistado(a) em 2021).

De acordo com Silva et al. (2020), o isolamento social deixou mais visível a desigualdade existente no país, não apenas em relação ao acesso à internet, mas também uma desigualdade social, cultural e educacional, que separam escolas públicas e privadas, principalmente nos municípios do interior do país, onde a escassez de recursos financeiros e de pessoal é ainda mais severa.

Essas desigualdades se mostram ainda maiores na zona rural, uma vez que aliada a falta de internet ainda há quedas constantes de energia em muitas regiões do interior do Estado, o que dificulta o prosseguimento dos estudos, “as dificuldades com a internet são frequentes o que acarretam no acúmulo de atividades que muitas vezes esquecemos de resolvê-las (Maria Eduarda Carrera, 2º série, entrevistado(a) em 2021). Isso acaba afetando o desempenho dos alunos que deixam de entregar as atividades, resultando, muitas vezes, em notas vermelhas, “com a falta de energia a gente fica sem conexão com a internet e não consegue terminar de assistir o vídeo ou o áudio passado pelo professor, e por consequência disso não consegue fazer a atividade solicitada, para entregar no mesmo dia” (Emily Raynara Souza, 1º série, entrevistado(a) em 2021). Conforme Carneiro et al. (2020) é necessário garantir que haja melhoria na democratização quanto ao acesso às informações, uma vez que é clara a desigualdade brasileira entre as classes sociais e entre as diferentes regiões.

Além desses problemas que envolvem o acesso ao meio digital, também há os aspectos do ambiente doméstico que afetam a qualidade das aulas, como a “ausência de um local adequado para estudar”, que foi apontada como uma limitação por sete dos alunos entrevistados, assim como “ter de dividir o celular/notebook com outros membros da casa”, fato citado por três alunos, além das “dificuldades para manipulação dos recursos digitais”, que também foi apontado como um problema por cinco dos entrevistados.

Por meio das entrevistas também foi solicitado aos alunos que propusessem “soluções” aos problemas apresentados. Segue adiante o resultado dessas entrevistas:

“Videoaulas diretas e com poucos minutos, menos atividades, mais compreensão, mais contato professor e aluno” (Erika Keimilly, 3º série, entrevistado(a) em 2021).

“Explicações mais claras e objetivas. Poucas atividades que visam explorar somente o que foi visto na aula do dia. E maior interação com os alunos fora das atividades, como pequenos debates, textos, áudios ao invés de atividades (Chris Welles, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

“Seria interessante colocar a opção de quantos acertos foram efetuados na avaliação (o próprio Forms disponibiliza essa opção), assim o aluno já teria noção de quantos pontos tirou naquela disciplina (Karollany Vaz, 3º série, entrevistado(a) em 2021).

“As videoaulas não podem ser muito grandes, porque ficaria cansativo e enfadonho, fazendo com que seja perdido o interesse no assunto. E mais seminários, que é uma atividade bem dinâmica (Sulamita Oliveira, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

“Menos questões, pois o tempo é curto. Só de ver 17 min de vídeo e depois fazer um monte de atividades, é um tempo muito curto pra terminar tudo” (Maria Eduarda Lopes, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

“Aula ao vivo, acho que seria bem mais dinâmico” (Ana Clara Domiense, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

Aulas em plataformas de tempo real (ligações por vídeo). Isso evitaria procrastinação e teríamos mais espaço para discussão. Adicionar trabalhos de apresentação, mesmo que seja vergonhoso para alguns, é uma forma de melhorarmos nossa oralidade e outros aspectos de falar em público (Ana Clara Nascimento, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

Muitas dessas sugestões apontaram a necessidade de uma maior proximidade entre professor e aluno e entre os próprios alunos, daí porque muitos indicaram a plataforma Google Meet para a realização de aulas e atividades, que possibilitassem esse “encontro”, mesmo que virtual. Palavras como “convívio”, “contato” foram muitas citadas durante as entrevistas: “O lado ruim é que sentimos falta das aulas presenciais do *convívio* com os amigos e professores (Darcylene Menezes, 2º série, entrevistado(a) em 2021). Esse foi um problema constante na fala dos alunos “(...) a desvantagem é a falta de *contato* com o ambiente e o professor, pouco tempo e etc.” (Geovana Ramos, 1º série, entrevistado(a) em 2021). Essa outra aluna comenta sobre as dificuldades em não poder estabelecer um diálogo direto com o professor para tirar dúvidas “(...) para mim as desvantagens são por não ter aquela *ligação* ao professor, sendo assim sem aquele diálogo que pode facilitar ainda mais o

aprendizado (Mayara Oliveira, 3º série, entrevistado(a) em 2021). Algo semelhante é citado por esse outro aluno: “(...) as desvantagens são que nós não temos o *contato* com o professor, para tirar as dúvidas, além disso o tempo da aula é pouco, sem contar que a gente não tem o *convívio* com os colegas de classe que faz falta. (João Vitor Freire, 2º série, entrevistado(a) em 2021).

Todas essas questões repercutem na saúde mental durante a quarentena, presos em casas as crianças sentem falta das interações que o ambiente escolar propiciava e que permitia seu pleno desenvolvimento. O relato abaixo resume bem os desafios que os alunos enfrentam durante a pandemia:

(...) a falta de interação com os colegas e, finalmente, as dificuldades de termos saúde mental para estudar em meio a pandemia e muitas vezes com familiares doentes e até internados. Além disso, as vezes não há compressão por parte de alguns professores em relação ao que estamos vivenciando. É uma pressão muito grande, sem dúvidas, um grande desafio (Clara Mendes, 3º série, entrevistado(a) em 2021).

Segundo Maia e Dias (2020), é necessário estimular a solidariedade e resiliência, a fim de minorar os impactos psicológicos da pandemia na vida das crianças.

Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola –, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias. Estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos nesse período é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. (MAIA; DIAS, 2020).

Por isso, favorecer encontros síncronos com os alunos sempre que possível é algo que pode ajudar, assim como ser flexível e empático em relação a atividades atrasadas e faltas. Mas principalmente construir uma metodologia que ajude a tornar a disciplina acessível a todos. Adaptando-a a esse novo contexto marcado pelo ambiente virtual e o distanciamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados ao longo da pesquisa foi possível dar voz aos principais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, os próprios alunos, que mesmo avaliando como “bom” o ensino de sociologia no formato online, ainda assim apontaram uma série de questões que poderiam ser melhoradas, principalmente no que diz

respeito ao tempo das videoaulas, que se mostrou um dos maiores obstáculos para manter as suas atenções, demonstrando também a necessidade de reduzir a quantidade de atividades por aula, a fim de não sobrecarregá-los, bem como foi sugerido por estas atividades e aulas mais dinâmicas, por meio de videoconferências, que ajudassem a estabelecer um vínculo e contato maior entre professor e aluno.

Outras questões importantes abordadas pelos alunos tratam-se das dificuldades estruturais de sua região no que se refere ao acesso à internet, escancarando as profundas desigualdades entre a zona urbana e rural, assim como os obstáculos que enfrentam dentro ambiente doméstico, como ausência de uma local adequado para estudar, ter de dividir celulares ou computadores com os irmãos, que também estudam, mas é a falta de apoio familiar, um dos principais desafios para o ensino durante a quarentena.

Ao realizar um levantamento das tecnologias digitais mais importantes para aprendizagem dos alunos foi possível pensar a sociologia nesse novo contexto digital que cada vez mais faz parte das nossas vidas. Comprovando a tese de Cordeiro (2020), de que reaprender a ensinar e reaprender a aprender são os maiores desafios em meio ao isolamento social na educação do país.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Há uma crise de atenção**. [Entrevista concedida a] Bruno Alfano. O Globo. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ha-uma-crise-de-atencao-17476629>. Acesso em: 01 jun. 2021

BRASIL. **Resolução no 510, de 7 de Abril de 2016: Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, Ministério da Saúde 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 20 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da educação. Gabinete do Minsitro. **Portaria n° 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, 2020.

CARNEIRO, Leonardo de Andrade; et al. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8. 2020

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** (Vol. I, 14ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. 2020. Disponível em: <http://oscardien.myoscar.fr/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 09 abr. 2021.

CREPALDI, Elaise. A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno. **EDUCERE**. 2004. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021

IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD) Contínua. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=23205&t=sobre>

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200067, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. (Org.). 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 9-31.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso. & BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003

PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. Tradução do artigo Digital natives, digital immigrants, cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza. **On the Horizon**, NCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001.

RIBEIRO, M. L. **Eficiência da aprendizagem à distância com simuladores**. 2018. Dissertação (Mestrado em Assessoria e Administração). Instituto de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 2018.

RONDINI, C. A., Pedro, K. M., & Duarte, C. dos S. (2020). Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, 10(1), 41–57. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020.

SILVA, Lorena et al. Educadores Frente à Pandemia: Dilemas e Intervenções alternativas para Coordenadores e Docentes. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

SILVEIRA, Sidnei Renato et al. O Papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido à pandemia da COVID-19. **Série Educar Prática Docente**, p. 35.